



PORTAS ABERTAS: EDUCAÇÃO PARA UMA SOCIEDADE ANTIRRACISTA

Jaqueline Miranda dos Reis Santos, Centro Universitário Unifacig
jaquelinemiranda@sempre.unifacig.edu.br ; Josemeire Aparecida Garcia, Centro Universitário
Unifacig, josemeire@sempre.unifacig.edu.br ; Lidiane Hott de Fúcio Borges, Centro Universitário
Unifacig, licenciaturas.ead@unifacig.edu.br

Palavras-chave: Extensão Universitária Crítica; Educação Antirracista; Racismo Estrutural; Intervenção Comunitária; Letramento Racial.

INTRODUÇÃO

O racismo estrutural configura uma das expressões mais perversas da desigualdade social, sendo responsável pela perpetuação de injustiças históricas e pela manutenção de mecanismos excludentes no tecido social brasileiro (Almeida, 2019; Gomes, 2017). Diante dessa realidade, o projeto de extensão "Portas Abertas: Educação para uma Sociedade Antirracista" foi concebido sob o compromisso ético-político de articular o conhecimento científico à práxis transformadora (CFESS, 2011). A proposta emerge da necessidade de promover, nos espaços educativos, a construção coletiva de saberes antirracistas, contribuindo para a efetivação dos direitos humanos e para o fortalecimento de uma cultura cidadã comprometida com a equidade racial (Brasil, 2003; Brasil, 2010).

A motivação deste trabalho pauta-se na relevância de potencializar o protagonismo estudantil e a intervenção comunitária em territórios diversos, respeitando as especificidades locais e as realidades sociais. Justifica-se o relato desta experiência pela importância de registrar desdobramentos concretos da extensão universitária crítica no enfrentamento das expressões da questão social, evidenciando o papel transformador dos estudantes em seus contextos comunitários.

O objetivo deste trabalho é apresentar os resultados obtidos e analisar os efeitos qualitativos do projeto "Portas Abertas" tanto na formação dos estudantes extensionistas quanto no alcance comunitário das de todas as intervenções realizadas.

REFERENCIAL TEÓRICO

Para pensar de forma crítica o racismo, é preciso entender sua fundamentação e como o racismo se expressa na sociedade contemporânea. A imagem de uma nação acolhedora e que convive com as diferenças de forma harmônica, nem sempre corresponde ao que parte da população brasileira vive na realidade. Por vezes, essa



cultura de sociedade da diversidade acaba por mascarar um racismo que pode ser classificado como racismo estrutural. Almeida (2016, p.15) acredita que o racismo é sempre estrutural. Segundo o autor, o racismo é a manifestação normal de uma sociedade, e não um fenômeno patológico ou que expressa algum tipo de anormalidade.

Partindo deste pressuposto, combater o racismo torna-se uma tarefa complexa e que precisa envolver ações mais profundas, que trabalhem os conceitos enraizados na sociedade.

Nesse sentido, o letramento racial torna-se uma ferramenta metodológica indispensável. Para Gomes (2017), o letramento racial vai além da simples transmissão de informações, ele envolve a reeducação do olhar e a capacidade de interpretar as estruturas de poder que perpassam as identidades étnico-raciais. No âmbito educacional, esse processo é reforçado pelas diretrizes estabelecidas pela Lei nº 10.639/2003, que torna obrigatório o ensino de história e cultura afro-brasileira, visando a uma formação que valorize a diversidade e promova a equidade racial (Brasil, 2003).

A atividade extensionista, como elo entre a universidade e a sociedade, é compreendida sob a ótica da extensão crítica. De acordo com o Conselho Federal de Serviço Social (CFESS, 2011), a extensão deve ser pautada na indissociabilidade entre ensino e pesquisa, funcionando como um espaço de diálogo que permite aos discentes confrontarem a teoria com as contradições da realidade social. Essa perspectiva dialógica, defendida também por Freire (1987), sustenta que a intervenção comunitária não deve ser uma imposição de saber, mas uma construção coletiva voltada para a emancipação dos sujeitos e para a transformação de seus territórios.

Assim, a articulação entre esses referenciais permitiu que as intervenções realizadas pelos estudantes fossem dotadas de intencionalidade pedagógica. A teoria, portanto, não apenas subsidiou o planejamento das ações, mas ofereceu o suporte crítico necessário para que os discentes identificassem as expressões do racismo estrutural e propusessem estratégias eficazes de conscientização e valorização das identidades negras nos contextos atendidos.

DESCRIÇÃO DA ATIVIDADE EXTENSIONISTA



A operacionalização do projeto "Portas Abertas: Educação para uma Sociedade Antirracista" fundamentou-se na metodologia da extensão crítica, estruturada em três momentos interdependentes que articularam a formação teórica à intervenção prática. O processo foi desenvolvido ao longo do primeiro semestre letivo de 2025, envolvendo 371 estudantes de diversos cursos de graduação do Centro Universitário UNIFACIG, sob orientação docente, com o intuito de promover o letramento racial e o enfrentamento ao racismo estrutural nos territórios de inserção dos discentes.

O primeiro momento consistiu no aprofundamento teórico e letramento racial dos estudantes extensionistas. Nesta etapa, foram realizados estudos orientados sobre a legislação vigente, com destaque para a Lei nº 10.639/2003 e o Estatuto da Igualdade Racial, além da realização de cursos autoinstrucionais sobre a temática antirracista ofertados por Institutos Federais (IFMS e IFES). O objetivo foi dotar os acadêmicos de aporte crítico para identificar as expressões do racismo e compreender as bases históricas das desigualdades étnico-raciais no Brasil.

O segundo momento envolveu a análise diagnóstica dos territórios. Os estudantes foram orientados a realizar uma leitura situada das realidades locais, identificando espaços institucionais, como escolas e organizações comunitárias, onde o racismo estrutural se manifestava ou onde havia carência de ações educativas sobre a temática. Essa etapa permitiu que as propostas de intervenção fossem customizadas de acordo com as necessidades e potencialidades de cada comunidade atendida.

No terceiro momento, ocorreu a elaboração e execução dos 26 projetos de intervenção. As atividades foram diversificadas, abrangendo desde a realização de oficinas pedagógicas e rodas de conversa em escolas públicas até a produção de materiais informativos e campanhas de conscientização em ambientes digitais e espaços de saúde. Todas as ações focaram na valorização da cultura afro-brasileira e na promoção de uma postura proativa da sociedade frente às práticas discriminatórias, consolidando a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão.

DISCUSSÃO

Os resultados alcançados pelo projeto "Portas Abertas" demonstram a capilaridade da extensão universitária e sua capacidade de pautar temas complexos na agenda comunitária. Em termos quantitativos, a iniciativa mobilizou 371 estudantes



de diversos cursos de graduação, resultando na execução de 26 projetos de intervenção que atingiram diferentes segmentos sociais, desde o ensino básico até organizações civis. A diversidade temática das ações — que incluíram desde a valorização da estética negra até o debate sobre o racismo institucional — reflete a amplitude do letramento racial promovido durante a fase de planejamento.

A análise dos relatos acadêmicos evidenciou que a prática extensionista proporcionou aos discentes uma compreensão aprofundada sobre como o racismo estrutural, conforme teorizado por Almeida (2019), opera de forma silenciosa e cotidiana. De acordo com os registros das atividades, os estudantes de Pedagogia e Letras destacaram a importância de introduzir a literatura afro-brasileira nas escolas para fortalecer a identidade das crianças, enquanto os alunos de Serviço Social e Gestão Pública observaram a necessidade de políticas institucionais mais incisivas no combate às desigualdades.

Observou-se, por meio das descrições das intervenções, que o contato direto com a comunidade permitiu aos acadêmicos confrontar a teoria estudada com as contradições da realidade social.

Os relatos indicam que a promoção de rodas de conversa e oficinas pedagógicas não apenas informou o público externo, mas transformou a percepção dos próprios alunos sobre seu papel como agentes de mudança. A experiência consolidou a extensão como um espaço crítico de produção de conhecimento, superando a lógica da mera prestação de serviços e vinculando a formação acadêmica ao compromisso ético com a equidade racial e a justiça social. Abaixo, um mosaico para viabilizar mediações visuais do alcance das atividades extensionistas.

Mosaico de imagens das intervenções extensionistas

Portas Abertas: Educação para uma Sociedade Antirracista | 2025/1



21ª Noite Acadêmica

centro universitário UNIFACIG



01

RAÍZES DA NOSSA HISTÓRIA

Cidade/local: Cachoeiro de Itapemirim e Vargem Al
Intervenção: Panfletagem, abordagem comunitária afro-brasileira.



03

O PAPEL DOS ADOLESCENTES

Cidade/local: Ipanema/MG | AIAM - Associação Ipanema Menor
Intervenção: Palestra educativa/interativa sobre o protagonismo juvenil.



04

POSTS E CARTAZES ANTIRRACISTAS

Cidade/local: Lúna | ginásio, escolas, rodoviária e p
Intervenção: Campanha visual com colagem/distrit de conscientização.



05

INCLUIR PARA TRANSFORMAR

Cidade/local: Lajinha/MG | Igreja Tabernáculo
Intervenção: Intervenção educativa com crianças e cultura afro-brasileira.



06

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA ANTIRRACISTA

Cidade/local: Ambiente escolar | crianças de 7 a 9 i
Intervenção: Contação de história, livros, fantoches e brincadeiras.



Mosaico de imagens das intervenções extensionistas

Portas Abertas: Educação para uma Sociedade Antirracista | 2025/1



FANTOCHES E CARTAZES

Cidade/local: Manhumirim/MG | Escola Municipal Al
Intervenção: Atividade lúdica com fantoches, carta



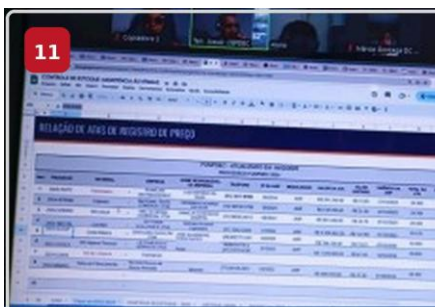
IDENTIDADE RACIAL E AUTOESTIMA

Cidade/local: Martins Soares/MG | CRAS, grupo de r
Intervenção: Roda de conversa com slides, poemas
de letramento racial.



PALAVRAS QUE CURAM

Cidade/local: Escola | 1º ano do Ensino Fundament
Intervenção: Contação de história e dinâmicas sob
empatia e racismo.



DIREITOS ASSISTENCIAIS E JUSTIÇA AM

Cidade/local: Online/síncrono | público e servidores
informada
Intervenção: Capacitação sobre desastres, direitos
ambiental e racismo ambiental.



EDUCAÇÃO E DIVERSIDADE - LEI 10.639

Cidade/local: Vespasiano/MG | Escola Estadual Ant
Intervenção: Roda de conversa com educadores, c
e mural escolar.

Figura 1 – Mosaico de registros fotográficos das intervenções extensionistas do projeto Portas Abertas: Educação para uma Sociedade Antirracista. Fonte: Elaborado pela autora com base nos registros fotográficos presentes nos relatórios finais das atividades extensionistas, 2025.

O mosaico reúne uma amostra dos registros das intervenções realizadas em diferentes municípios e espaços comunitários, evidenciando a diversidade de estratégias metodológicas utilizadas, como rodas de conversa, oficinas educativas, atividades lúdicas, ações de conscientização, produção de cartazes e intervenções em espaços escolares e socioassistenciais.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

A execução do projeto "Portas Abertas: Educação para uma Sociedade Antirracista" confirmou a relevância da extensão universitária como ferramenta de transformação social e amadurecimento acadêmico. A articulação entre os fundamentos teóricos do racismo estrutural e as práticas de intervenção comunitária permitiu que os estudantes ultrapassassem a barreira da teoria, vivenciando os desafios reais de promover o letramento racial em contextos diversos. O alcance das 26 intervenções demonstra que a universidade cumpre seu papel ético ao fomentar debates que combatem desigualdades históricas.

Conclui-se que o objetivo principal foi plenamente atingido, uma vez que o projeto não apenas informou o público externo, mas provocou uma revisão de posturas e valores nos próprios discentes envolvidos. A experiência evidenciou que a educação antirracista deve ser um processo contínuo e transversal, capaz de dotar os futuros profissionais de uma sensibilidade crítica para identificar e desconstruir mecanismos de exclusão.

Por fim, o projeto consolidou a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, reafirmando o compromisso do Centro Universitário UNIFACIG com a justiça social e a equidade racial. Recomenda-se a continuidade de ações dessa natureza, garantindo que o diálogo entre a academia e a comunidade permaneça como um canal aberto para a construção de uma sociedade efetivamente democrática e antirracista.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio. Racismo estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira". Diário Oficial da União, Brasília, DF, 10 jan. 2003.

BRASIL. Lei nº 12.288, de 20 de julho de 2010. Institui o Estatuto da Igualdade Racial. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 21 jul. 2010.

CFESS – CONSELHO FEDERAL DE SERVIÇO SOCIAL. Assistentes sociais no combate ao racismo. 3. ed. Brasília, DF: CFESS, 2011. Disponível em: <https://www.cfess.org.br/visualizar/publicacao/cod/24>. Acesso em: 14 jul. 2025.

FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.



GOMES, Nilma Lino. O movimento negro educador: Saberes construídos nas lutas por emancipação. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.